

ESTRATÉGIA DA RETALIAÇÃO MACIÇA

(Segundo de quatro artigos)*

Conceito: Conter o expansionismo soviético através da ameaça de ataques nucleares indiscriminados.

HAROLDO BASTO CORDEIRO JÚNIOR
Contra-Almirante (Ret^l)

A medida que outros países, primeiro a URSS, depois a Grã-Bretanha, desenvolveram seu armamento nuclear, tornaram-se evidentes a alteração do panorama estratégico mundial e o encerramento do virtual monopólio norte-americano neste campo, substituído, este último, por um período de franca (mas declinante) superioridade dos Estados Unidos. Este monopólio havia sido o sustentáculo, subliminar, da estratégia da contenção periférica, e alguns historiadores consideram haver contribuído para moderar as ações da URSS.

Com a detonação da primeira bomba atômica soviética, em 23 de setembro de 1949, a muitos pareceu necessária a adoção de medidas que restabelecessem a situação

anterior, de aparente equilíbrio político, a despeito da superioridade em armamento nuclear ainda claramente mantida pelos Estados Unidos. Há que ter em mente que, durante a Guerra da Coreia (1950-53), os norte-americanos, com receio da reação da URSS na Europa (e também da China Comunista), não haviam, apesar da solicitação do General MacArthur, utilizado suas armas nucleares, o que demonstra ter havido, também, moderação por parte dos norte-americanos.

Além disso, era previsível que o poder de destruição das armas nucleares fosse aumentado e elas fossem dotadas de vetores mais adequados à sua destinação estratégica – os mísseis (teleguiados e

* N.R.: Este artigo pertence a uma série em que o autor apresenta as diversas estratégias que foram adotadas após a Segunda Guerra Mundial, a saber: Contenção Periférica (publicada no 3º trim./2001), Retaliação Maciça, Deterrência ou Dissuasão e Resposta Flexível.

balísticos), sensores de condução para aumentar sua precisão, que já se encontravam em desenvolvimento.

Assim, em 1º de novembro de 1952, os Estados Unidos fazem explodir sua primeira bomba termonuclear (a bomba H), elevando o nível de destruição possível das dezenas de milhares de toneladas de explosivos (os quilotons) aos milhões de toneladas de explosivos (os megatons).

Em 12 de agosto de 1953, é a URSS que explode sua primeira arma termonuclear.

A Grã-Bretanha se junta ao grupo de países dotados de armas nucleares, explodindo sua primeira bomba atômica em 3 de outubro de 1952 e sua primeira bomba termonuclear em 17 de maio de 1957.

A despeito da superioridade norte-americana, ainda evidente, o ambiente nuclear é, agora, multipolar.

Em relação ao armamento convencional terrestre, era flagrante a superioridade soviética, especialmente na Europa Central, onde, *manu militari*, mantinha, a URSS, a ocupação de seus satélites, o que lhe permitia ter

seus exércitos dispostos em profundidade sobre a fronteira do Ocidente; paradoxalmente, mantinha, no Extremo Oriente, uma respeitável presença militar em face dos exércitos da China.

A força terrestre soviética baseava-se em blindados, o que lhe emprestava grande mobilidade e poder de fogo, mas é de presumir que a atual Rússia conserve sua tradicional postura de emprego dos princípios de massa e da ofensiva.

Sua Força Aérea, organizada para conter a projeção do Poder Aéreo estratégico ocidental sobre seu território, foi também disposta em profundidade nos países-satélites, mas a URSS iniciava a construção de aeronaves de bombardeio de médio raio de ação e de aeronaves de esclarecimento de grande raio de ação (conhecidos na OTAN como *Bears*).

Sua Força Naval começava a se reestruturar, com a construção de submarinos de maior raio de ação e de unidades de superfície (os cruzadores da classe *Sverdlov*, dotados de grande manobrabilidade e "erigidos" de armamento, o que parece indi-

car uma capacidade operativa tridimensional, tanto ofensiva quanto defensiva) e prescindirem de cobertura aérea. Mesmo assim, no mar, as marinhas do Ocidente ainda dispõem de completo domínio, especialmente a norte-americana, com suas forças de ataque nucleadas em navios-aeródromos presentes em todos os oceanos e, sem dúvida, grande capacidade de projeção de Poder Naval sobre o ambiente

**O caminho para deter a
agressão (comunista) é,
para a comunidade "livre",
estar pronta a responder
vigorosamente, no lugar de
sua própria escolha e com
os meios que desejar utilizar**

John Foster Dulles,

Secretário de Estado
dos Estados Unidos

terrestre.

O cenário político também se altera, com a Grécia e a Turquia sendo admitidas na OTAN, em 1952, e com a assinatura, em 23 de outubro de 1954, do Acordo de Paris, permitindo o rearmamento da então República Federativa da Alemanha (RFA) e no qual foi prevista sua admissão à OTAN. Como resposta imediata ao Acordo de Paris, em 12 de novembro de 1954, a URSS levanta, na ONU, a necessidade de um tra-

tado para "oposição internacional a um atentado à segurança" (...?), e é assim que interpretará a entrada da República Federal da Alemanha na OTAN.

Com a admissão desta na OTAN, ocorrida em 5 de maio de 1955, a URSS promove, em 14 do mesmo mês, a criação do Pacto de Varsóvia, um comando unificado das tropas da URSS e de seus países-satélites na Europa Oriental. O Pacto de Varsóvia não é, assim, uma resposta ao Tratado de Washington de 1949 (pelo qual a OTAN foi criada) como alguns o interpretam, mas ao Acordo de Paris e à entrada da Alemanha Ocidental na OTAN.

A simples posse da arma nuclear pela URSS, ainda que lhe faltasse a capacidade de empregá-la mais profundamente no território de seus inimigos, já era, em si, uma ameaça às nações lindeiras ao território soviético, às fimbrias da estratégia de contenção periférica.

Era previsível que a URSS procuraria dotar-se de vetores adequados ao pleno emprego da capacidade destrutiva da arma atômica.

Existia, portanto, a necessidade de que a estratégia da contenção periférica, em si defensiva, fosse suplementada por uma estratégia mais contundente, mais direta, de ameaça clara, inofismável, não mais à periferia soviética, mas em direção a seus centros de poder.

Tornava-se necessário que o expansionismo soviético fosse contido pela ameaça de uma resposta imediata a qualquer tentativa de ampliação de seu espaço, com ataques indiscriminados a seu território, uma verdadeira represália a seus movimen-

tos interpretados como expansionistas. Esses ataques seriam realizados por aviões de bombardeio de maior raio de ação que os B-29, inicialmente os B-36, depois os B-52, por aeronaves baseadas em navios-aeródromos e a partir de bases aéreas existentes nos países que, aliados aos Estados Unidos, cercavam o território da URSS.

Essa estratégia foi denominada "estratégia da retaliação maciça" e formalmente formulada em 1954.

Seu conceito basilar é de que "o caminho para deter a agressão (comunista) é, para a comunidade livre, estar pronta a responder vigorosamente, no lugar de sua própria escolha e com os meios que desejar utilizar", conforme enunciado por John

Foster Dulles, secretário de Estado norte-americano. Ela se apoiou, principalmente, na possibilidade norte-americana de poder fazer chegar, a qualquer ponto do globo, o seu poderio nuclear, garantida sua supremacia aérea e a capacidade de infligir danos inaceitáveis, em contraposição à URSS que, somente então, inicia-

va a construção de seu estoque de explosivos nucleares e não dispunha de vetores que lhe permitissem atingir, sequer, todo o continente europeu.

A retaliação maciça correspondia, pois, à resposta nuclear a qualquer forma de agressão ou ação – comprovada ou imaginada – pela URSS e é de aspecto nitidamente ofensivo.

Sua adoção decorreu da visualização de uma ameaça tangível ao monopólio nuclear (depois a sua superioridade) norte-americano, do reconhecimento da superiorida-

A retaliação maciça correspondia, pois, a resposta nuclear a qualquer forma de agressão ou ação – comprovada ou imaginada – pela URSS e é de aspecto nitidamente ofensivo

de convencional soviética (especialmente em meios terrestres) no continente europeu e, em uma visão mais global, do sucesso de Mao Tsé-Tung na China, que indicava a possibilidade de novo movimento de projeção sobre Coreia do Sul, Taiwan (China Nacionalista), Filipinas e o Vietnã.

Seu propósito era, ainda, a contenção da URSS (e também da China Comunista), mas agora através da ameaça de retaliação total, isto é, da realização de ataques nucleares indiscriminados contra os centros de poder e os centros populacionais e industriais (ataques contra valor).

Desde logo se percebe que a principal restrição à concepção estratégica da retaliação maciça é a sua total falta de flexibilidade, não oferecendo qualquer alternativa – uma estratégia baseada no emprego de uma arma que conduzia qualquer conflito, por menor que fosse sua intensidade, por mais insignificante o objetivo pelo qual fosse travado, ao máximo da violência e da destruição, sem qualquer possibilidade de retrocesso, de continência, de negociação – era, claramente, uma estratégia politicamente inaceitável.

Além disso, a estratégia da retaliação maciça não considerava possíveis áreas de superioridade soviética, e era possível antever-se que à medida que aumentava o poderio estratégico à disposição da URSS a retaliação maciça iria se tornando, também, inadequada como estratégia.

Mesmo assim, foi adotada...

Para os Estados Unidos, a adoção formal da estratégia da retaliação maciça correspondeu ao extraordinário desenvolvimento da *US Air Force* (a arma nuclear era, sem dúvida, a arma por excelência para a estratégia de Douhet, de supremacia do Poder Aéreo), em detrimento da *US Navy* e, principalmente, do *US Army*.

A Marinha norte-americana conseguiu, ainda, obter recursos usando a concepção dos grandes (à época) navios-aeródromos da classe *Forrestal* e para o desenvolvimento dos submarinos nucleares lançadores de mísseis *Polaris*, como vetores para a arma nuclear.

E o Exército norte-americano se teve que contentar com o desenvolvimento de mísseis de médio e curto alcances e de armas nucleares táticas.

A estratégia da retaliação maciça corresponde, portanto, a sensível prejuízo para o Poder

Militar norte-americano, como um todo.

A estratégia da retaliação maciça foi, durante cerca de dez anos, a estratégia oficial dos norte-americanos e da OTAN. Para os Estados Unidos (e o Canadá), ainda invulneráveis espacialmente ao armamento nuclear soviético, era adequada como uma estratégia de força suplementar à estratégia da contenção periférica. Para os países europeus, membros da OTAN, ela acenava com o comprometimento formal dos Estados Unidos em sua segurança (o famoso *guarda-chuva* nuclear), a impedir a realização de qualquer ataque nuclear soviético (ou convencional) contra seus territórios.

A estratégia da retaliação maciça corresponde, portanto, a sensível prejuízo para o Poder Militar norte-americano, como um todo

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<ARTES MILITARES> /Estratégia/; Retaliação Maciça/